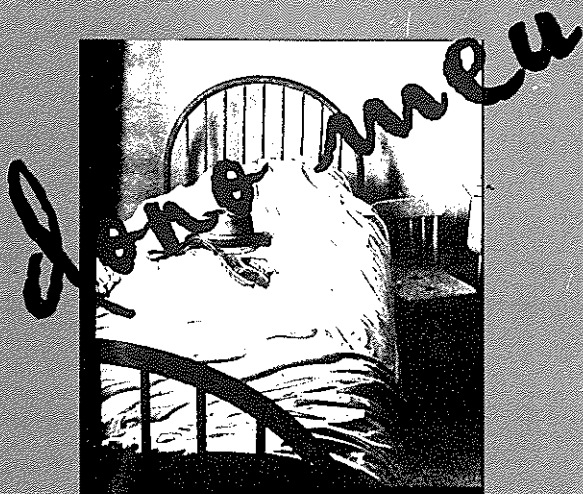


# Salvador Novo



sonetos eróticos



**Dono Meu  
Sonetos Eróticos**

Todos os direitos reservados.

*Governador*  
*Geraldo Alckmin*  
*Secretário de Cultura*  
*Marcos Mendonça*

**FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA**

**CONSELHO CURADOR**

*Secretário de Cultura (Presidente): Marcos Mendonça*  
*Secretário de Ciência, Tecnologia Desenvolvimento*  
*Econômico: Ruy Martins Altenfelder Silva.*  
*Reitor USP: Adolpho José Melfi*  
*Reitor UNICAMP: Carlos Henrique de Brito Cruz.*  
*Reitor UNESP: José Carlos Souza Trindade.*  
*Presidente FAPESP: Carlos Henrique de Brito Cruz.*  
*Conselheiros: Eugenio A. Franco Montoro. Fernando Gasparian.*  
*Oswaldo Melantonio.*

**DIRETORIA**

*Diretor Presidente: Fábio Magalhães.*  
*Chefe de Gabinete: Maria Cristina Mariz Masagão.*  
*Assessores da Presidência: Lulu Librandi e Marcello Glycerio de Freitas*  
*Diretora do Centro Brasileiro de Estudos*  
*da América Latina: Isaura Botelho.*  
*Diretor de Atividades Culturais: Antonio Maschio.*  
*Diretor Administrativo*  
*e Financeiro: Luiz Takao Adathi.*

**CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA**

*Diretora: Isaura Botelho. Gerente: Eduardo Farsetti. Produção: Laís*  
*Camile, Márcia Ferraz, Fernando Gamba, Fabio Weintraub.*

ISBN 85-85373-36-9

**FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA**

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 - São Paulo/SP  
01156-001 - Tel.: 3823-4600 Fax: (011) 3823-4611  
Visite nosso site: <http://www.memorial.org.br>

*Salvador Novo*

Introdução e tradução:

Glauco Mattoso

São Paulo, 2002



## Introdução

Salvador Novo (Cidade do México, 1904-1974) integra a corrente que, simultânea ao modernismo brasileiro, revitalizou a poesia hispano-americana sob o rótulo de ultraísmo. No México seu círculo ficou conhecido como os “contemporâneos” (em torno da revista homônima): Jaime Torres Bodet, Xavier Villaurrutia, Bernardo Ortiz de Montellano, Gilberto Owen, Jorge Cuesta, José Gorostiza, além do extemporâneo Carlos Pellicer. Dentre eles, Novo instiga pelo diferencial fescenino e homoerótico. Não foi um “outsider” como Porfírio Barba Jacob (que, além da homossexualidade, glorificava o álcool e a maconha); ao contrário, soube cultivar seu prestígio, a ponto de receber um título de cronista oficial da metrópole mexicana. Eu diria que ele incomodou, mas se acomodou. Não tão impunemente, porém. Como o nosso Mário de Andrade, Novo somou à reputação de poeta vanguardista as credenciais de polígrafo: foi tradutor, historiador, teatrólogo, roteirista, jornalista, ensaísta, memorialista. Menos discreto que Mário, porém, ostentou corajosamente sua homossexualidade numa época em que os gays mexicanos ainda corriam o risco de prisão e condenação a trabalhos forçados, mesmo após a revolução, que em nada diferia dos subseqüentes regimes soviético-cubanos ou nazi-fascistas quanto à segregação homófoba. Ao lado de Pellicer e Villaurrutia, Novo desafiou o machismo latino-americano proclamando adesão estética e existencial aos modelos wildeano e gideano, para não falar de exemplos mais próximos na vanguarda espanhola: Lorca e Cernuda. Mas Novo despontou entre seus pares pela atitude “camp”, isto é, espirituosamente ferina, típica do anedotário gay. Certa vez, perguntado sobre seus topetes (ele colecionava perucas), respondeu: “¡Tupé es llevarlo!”. Por outro lado, sabia aproveitar as mordomias da burocracia cultural, tendo ocupado vários cargos oficiais. Sua independência intelectual e seu pragmatismo angariaram, como ocorre em toda parte, antipatias até dos medalhões mais esclarecidos. O próprio poeta maior do país, Octavio Paz, não escondia o malévolo desdém ao avaliar a importância literária de Novo: “Tuvo mucho talento y mucho veneno, pocas ideas y ninguna moral. Cargado de

adjetivos mortíferos y ligero de escrúpulos, atacó a los débiles y aduló a los poderosos; no sirvió a creencia o idea alguna, no escribió con sangre, sino con caca. Sus mejores epigramas son los que, en um momento de cinismo desgarrado y de lucidez, escribió contra sí mismo. Eso lo salva.”

Ressalvado o detalhe de que, para mim, “escrever com caca” é elogio, ousou contrapor como trunfos algumas características novoanas que me falam de perto: o compromisso explícito com a fidelidade autobiográfica; a sátira implacável, inclusive para consigo próprio; o hibridismo estilístico entre o erudito e o vulgar, o culto e o chulo; e, sobretudo, a adoção do soneto posteriormente ao iconoclasmo da fase ultraísta. Gesto aliás nada estranho ao nosso refluxo modernista de meados do século: que o digam Jorge de Lima e Vinícius.

A obra poética de Novo compreende, entre outros, os títulos *Nuevo amor* (1933), *Espejo* (1933), *Décimas en el mar*, ou *Seamen Rhymes* (1934, com ilustrações de seu amigo García Lorca), *Poemas proletarios* (1934) e as antologias *Poesías escogidas* (1938), *Poesía, 1915-1955* (1955), *Poesía* (1961) e *Antología personal: poesía, 1915-1974* (1991).

Usualmente, escrevia poemas longos, de formato irregular, sem metro ou rima, ou epigramas compactos. Há, todavia, uma curiosa exceção, objeto desta minha empreitada: vinte e dois sonetos eróticos. Novo sonetou bissextamente, em termos auto-referentes, a partir dos anos 40, porém com rigor. Seu molde segue a tradição ibérica, imortalizado por Camões no decassílabo heróico (esporadicamente sáfico) e na equação rítmica ABBA ABBA CDC DCD, a mais exata e bela. Tematicamente foi tão confessional nos sonetos quanto o fora em suas memórias íntimas (que circulavam apenas entre amigos e acabaram aparecendo nos Estados Unidos, antologiadadas por Winston Leyland, editor do jornal *Gay Sunshine*, antes mesmo de virem à luz no México sob o bíblico título de *La estatua de sal*): o poeta escancara sua fixação em soldados e policiais, muitas vezes tratados como michês e gigolôs; lamenta precoce e obsessivamente a decadência física, ainda

quarentão; e cultua, em tom epistolar, a saudade do relacionamento interrompido, esperançosamente reatável mas melancolicamente desgastado. Dosando humor e amargura, sentimentalismo e ceticismo, Novo faz de seus sonetos obras-primas de acuidade psicológica e maturidade poética. Os sonetos saíram, inicialmente, sob o título de *Dueño mio* (que os americanos traduzem como *Master of mine*), em 1944.

Em 1955 sai uma edição ampliada, *XVIII sonetos*, aos quais se acrescentou mais um na recente edição (1998) do Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (que inclui o texto integral de *La estatua de sal* e um brilhante estudo de Carlos Monsiváis), a qual me serviu de fonte para a tradução. Outros três sonetos, compostos entre 1959 e 61, me foram passados pelo poeta anarquista Heriberto Yépez, responsável por intenso “contrabando” contracultural entre México, Estados Unidos e países sul-americanos.

Respeitei, quanto possível em termos métricos, rítmicos e rítmicos, o espírito (e o espírito) do poeta, sem perder ocasião de imprimir meu sinete de família, vale dizer, camoniana-bocagiana. Por exemplo: meu primeiro pé é regularmente jâmbico, ao passo que Novo enceta o verso muita vez no anapesto, no crético ou no coriambo. Em outro caso, por consequência, ao invés de “Extinguirei a luz...” (peão quarto, seguido de jambo), optei por “A luz extinguirei...” (jambo, seguido de peão quarto).

Quanto ao turpilóquio, os léxicos do calão castelhano e lusitano praticamente se equivalem e se casam, escusando exemplificação. Dado o mérito do autor, não arrisco muito se ambicionar para um nome tão sugestivamente messiânico a justa percepção, pelo leitor brasileiro, de sua dimensão humana, que não aquela meramente sexual ou histórico-literária.

São Paulo, dezembro de 2000.

Glauco Mattoso

## Sumário

<i>Escribir porque sí, por ver si acaso</i> .....	12
Escrevo porque sim: talvez ao menos .....	13
<i>Si yo tuviera tiempo, escribiría</i> .....	14
Se tempo me sobrasse, escreveria .....	15
<i>Este fácil soneto cotidiano</i> .....	16
O fácil sonetinho cotidiano .....	17
<i>Ya no parece bien, a mis abries,</i> .....	18
Já não parece bem, nestes abris, .....	19
<i>Mi vida sigue igual, amiga rara:</i> .....	20
A vida é sempre a mesma, amiga rara: .....	21
<i>Yo te aguardé esta noche con el ansia</i> .....	22
Passei, à sua espera, a noite em ânsia .....	23
<i>¿Por qué no me has escrito en tantos días</i> .....	24
Por que, faz tantos dias, não me escreves? .....	25
<i>Yo te escribiera a diario, dueño mío;</i> .....	26
Te escrevo, dono meu, a cada dia, .....	27
<i>Escribirte otra vez, ir al Correo;</i> .....	28
Escrevo-te outra vez, vou ao correio .....	29
<i>Pienso, mi amor, en ti todas las horas</i> .....	30
De noite, só em ti penso, meu amor, .....	31

<i>¿Qué hago en tu ausencia? Tu retrato miro;</i> .....	32
Na ausência tua, olhando teu retrato, .....	33
<i>Leoncio ayer; Carlos hoy -- ¿a quién mañana</i> .....	34
Ontem Leo, hoje Carlos... E amanhã? .....	35
<i>¡Ay, qué castillos fabriqué en el viento</i> .....	36
Castelos fabricando venho em vento! .....	37
<i>Si pudieras quedarte, dueño mío;</i> .....	38
Não podes, dono meu, ficar comigo? .....	39
<i>Me dije: "Ya por fin la vida mía</i> .....	40
Pensava eu ter achado, enfim, na vida, .....	41
<i>Ya se acerca el invierno, dueño mío;</i> .....	42
O inverno se aproxima, dono meu! .....	43
<i>Tus manos fuertes, grandes, que me daban</i> .....	44
Mãos grandes, fortes, tuas mãos me davam .....	45
<i>Nos volvemos a ver: Año tras año</i> .....	46
Voltamos a nos ver. Tenso, me assanho. ....	47
<i>Dura visión aflige a los longevos</i> .....	48
Visão tristonha aflige a quem mais vive .....	49
<i>Juguemos al pendejo, vida mía;</i> .....	50
Brinquemos, dono meu, de bolinar! .....	51
<i>Doce veces menstruó 1959.</i> .....	52
Já doze vezes deu cinqüenta e nove, .....	53
<i>Desde que el huevo se me hinchó derecho</i> .....	54
Desde que o bago se me inchou direito .....	55

## Dono Meu Sonetos Eróticos

[I]

Escribir porque sí, por ver si acaso  
se hace un soneto más que nada valga;  
para matar el tiempo, y porque salga  
una obligada consoante al paso.

Porque yo fui escritor, y éste es el caso  
que era tan flaco como perra galga;  
crecióme la papada como nalga,  
vasto de carne y de talento escaso.

¡Qué le vamos a hacer! Ganar dinero  
y que la gente nunca se entrometa  
en ver si se lo cedés a tu cuero.

Un escritor genial, un gran poeta...  
Desde los tiempos del señor Madero, (\*)  
es tanto como hacerse la puñeta.

[I]

Escrevo porque sim: talvez ao menos  
me saia algum soneto e valha a pena  
matar o tempo arrematando a pena  
na rima obrigatória dos pequenos.

Porque fui escritor, dos de somenos,  
tão magro como a mão que me condena,  
mas hoje minha bunda, antes pequena,  
cresceu com meu talento, a ventos plenos.

Que porra hei de fazer? Ganhar dinheiro  
seria o ideal, desde que o povo  
não fosse do meu cu bisbilhoteiro!

Se tenho algo de gênio, algo de novo,  
nem último serei, nem o primeiro...  
Na bronha, então, embromo, e me promovo!

[II]

Si yo tuviera tiempo, escribiría  
mis memorias en libros minuciosos;  
retratos de políticos famosos,  
gente encumbrada, sabia y de valía.

¡Un Proust que vive en México! Y haría  
por sus hojas pasar los deliciosos  
y prohibidos idilios silenciosos  
de un chofer, de un ladrón, de un policía.

Pero no puede ser, porque juiciosamente  
pasa la doble vida mía  
en su sitio poniendo cada cosa.

Que los sabios disponen de mi día,  
y me aguarda en la noche clamorosa  
la renovada sed de un policía.

[II]

Se tempo me sobrasse, escreveria  
memórias para em livro se reler,  
retratos dos caciques no poder,  
artistas, medalhões da poesia.

Biógrafo do século e do dia,  
que em páginas infladas de prazer  
gravasse o que ninguém ousa dizer:  
dum tira ou dum ladrão a fantasia.

Porém não pode ser, porque o bom senso  
censura a vida dupla em que me escondo  
e as coisas no lugar ponho e repenso.

De dia por meus hábitos respondo.  
Na noite clamorosa, já não venço,  
e à sede dum soldado vou-me expondo.

[III]

Este fácil soneto cotidiano  
que mis insomnios nutre y desvanece,  
sin objeto ni dádiva se ofrece  
al nocturno sopor del sueño vano.

¡Inanimado lápiz que en mi mano  
mis odios graba o mis ensueños mece!  
En tus concisas líneas aparece  
la vida fácil, el camino llano.

Extinguiré la luz. Y amanecida,  
el diamante de ayer será al leerte  
una hoguera en cenizas consumida.

Y he de concluir, soneto, y contenerte  
como destila el jugo de la vida  
la perfección serena de la muerte.

[III]

O fácil sonetinho cotidiano  
que minha insônia nutre e desvanece  
sem tema nem dilema se oferece  
durante o pesadelo mais mundano.

Traçando em pleno vácuo vou meu plano  
que sobe até o desejo e ao ódio desce.  
Em linhas decoradas como prece  
a vida vai por trilho reto e plano.

A luz extinguirei, e de manhã  
já não há trem veloz que me transporte  
e o fogo consumiu a idéia vã.

Soneto, não me escapas! Sou mais forte!  
Te findo, inda que falte ao meu afã  
serena perfeição, como a da morte!

[IV]

Ya no parece bien, a mis abriles,  
pensar en el amor. Fuera locura  
llorar, sentir, querer — ¡ay! — con la pura  
ilusión de los años juveniles.

No sueño más en lunas ni pensiles  
Ni de un ósculo pido la dulzura  
al fuego que en mis sienes se apresura  
— con patriótico ardor — en los desfiles.

La ley de la demanda y de la oferta  
que me ha enseñado su sabiduría  
lleva el fácil amor hasta mi puerta.

Y sin embargo, a veces, todavía  
sobre el crespón de mi esperanza muerta  
vierte su llanto la melancolía.

[IV]

Já não parece bem, nestes abris,  
excogitar de amor. Fora loucura  
chorar, sentir, querer (Ai!) com a pura  
ilusão de meus anos juvenis.

Não sonho mais com príncipes que quis,  
nem peço de algum ósculo a doçura.  
Só o fogo, nas paradas, me apressura  
com cívico fervor ante os fuzis.

Procura e oferta é lei sentenciosa  
que já me calejou, e hoje me traz  
amor a domicílio, fácil glosa.

Contudo, sei que às vezes, por detrás  
da capa, já não mais esperançosa,  
um mote melancólico inda jaz.

[V]

Mi vida sigue igual, amiga rara:  
Despierto hecho una birria, voy al baño  
y con productos Rubinstein restaño  
la perdida frescura de mi cara.

Me marcho a trabajar. ¡Si trabajara!  
El boletín del mes, año tras año...  
Luego voy a comer con el extraño  
ministro que la suerte me depara.

Doy a veces mi clase consabida;  
a mi oficina soñoliento llego;  
mi labor oficial quedó cumplida.

Y a las dulzuras del hogar me entrego  
cuando ya mi clientela conocida  
me almidonó las tripas en San Diego.

[V]

A vida é sempre a mesma, amiga rara:  
Acordo resmungão, vou ao banheiro.  
Cosméticos restauram por inteiro  
a velha juventude em minha cara.

Depois, vou trabalhar (Se trabalhara!):  
rotina eterna, março a fevereiro.  
Almoço com estranho companheiro,  
mais um prato que a sorte me prepara.

A todos sei tratar com certa classe.  
Retorno ao gabinete, sonolento.  
Cumpri com meu dever, livre a face.

Meu lar, meu doce lar, enfim, freqüento,  
à espera do cliente, que ali passe  
a noite, viajante friorento.

[VI]

Yo te aguardé esta noche con el ansia  
de mirarte llegar, y de que luego  
escucharas impávido mi ruego  
y me dieras tu fuerza y tu fragancia.

Pero quisiste darte la elegancia  
de no venir, de desdeñar mi fuego,  
sin saber que recibo por entrego  
leche de muchos toros en mi estancia.

Yo pensaba quererte en exclusiva;  
gemir y sollozar bajo tu fueite,  
brindarte mis pasiones rediviva.

Y a casa regresé — con tu billete —,  
luego que una salubre lavativa  
a los hijos ahogó de otro cadete.

[VI]

Passei, à sua espera, a noite em ânsia  
de ver você chegando, e de que, logo,  
impávido escutasse o que lhe rogo:  
a dádiva da força e da fragrância.

Você, com seu requinte de elegância,  
não veio, desdenhou meu louco fogo.  
Mal sabe que não perco o tempo e o jogo:  
há leite de mil touros nesta estância...

Pensei até em tornar você exclusivo,  
rosnar e ronronar no seu tapete  
aos pés do meu senhor, como um cativo...

Guardei, porém, apenas seu bilhete.  
Por esta noite, ascético, me privo.  
Na próxima, serei de outro cadete.

[VII]

¿Por qué no me has escrito en tantos días  
en que angustiado y pálido me espero  
a que llegue el simpático cartero  
espiando tras las blancas celosías?

Yo pensé que más veces mentirías  
tu amor lejano, dulce y plañidero;  
que el engaño siguiera lisonjero  
que iniciaron tus cartas y las mías.

¿Qué te cuesta decirme que me adoras?  
¿Qué me cuesta creerlo y consolarme  
lejos de ti, mi bien, si me enamoras?

¿Qué te cuesta en epístola besarme?  
Yo pienso en ti por indelebles horas  
— y hace en ellas tus veces un gendarme.

[VII]

Por que, faz tantos dias, não me escreves?  
Aflito e pálido ando o tempo inteiro  
à espera do simpático carteiro,  
olhando da janela em pausas breves.

Carteiros, vez em quando, fazem greves.  
Amantes silenciam no estrangeiro  
ou mentem ao antigo companheiro:  
distantes não perdoam faltas leves.

Que custa, a ti, dizer que inda me adoras?  
Que custa, a mim, te crer e consolar-me?  
A mágoa, assim, teria umas melhoras!

Que custa, numa epístola, beijar-me,  
se, tenso, penso em ti todas as horas,  
enquanto, em teu lugar, tenho um gendarme?

[VIII]

Yo te escribiera a diario, dueño mío;  
fatigara tus ojos con mi anhelo;  
diera al papel las tintas de mi duelo  
y al sol la angustia de mi lecho frío.

Pero, ¿cómo plasmar mi desvarío  
con palabras escritas en el hielo  
deste común hablar, luz de mi cielo,  
deste lenguaje pródigo y vacío?

¿Cómo mi muda voz expresaría  
todo el amor, en lágrimas deshecho  
que riega en aguardarte mi agonía?

Grite tu corazón, con el estrecho  
mensaje de su voz, la vida mía  
en la dorada cárcel de tu pecho.

[VIII]

Te escrevo, dono meu, a cada dia,  
fatigo esses teus olhos com meu sonho,  
desejos no papel sem pejo ponho,  
e ao sol estendo a dor da cama fria.

Plasmar o que me inquieta e desvaria  
parece, por escrito, bem bisonho,  
piegas, mas de tal não me envergonho,  
pois toda essa linguagem é vazia...

Não há como expressar, em muda voz,  
o quanto meu amor escorre em pranto,  
com minha angústia estando, agora, a sós...

A carta guarda o grito, o espasmo, o espanto.  
Ali, nas entrelinhas, somos nós,  
ao passo que, em palavras, eu, se tanto...

[IX]

Escribirte otra vez, ir al Correo;  
tocar mi lengua sus orillas frías;  
llevar la cuenta exacta de los días  
que hace que se efectuó nuestro himeneo.

Pensar que hace ya mucho que no veo  
tus ojos claros y tus manos mías;  
aguardar tu respuesta en las vacías  
horas en que en pensarte me recreo.

Robar al sueño la ilusión de verte  
y a la vigilia el dulce de soñarte  
con temor y esperanza de perderte.

No hallar tu imagen en ninguna parte;  
eso es amor, mi bien, y de esta suerte,  
vivo y muero tan sólo en aguardarte.

[IX]

Escrevo-te outra vez, vou ao correio  
beijar o selo, a beira do envelope...  
Teus lábios! Meu nariz, choroso, entope.  
Vão dias, e a resposta inda não veio.

Teus claros olhos são, quando te leio,  
tão nítidos na mente, se a galope  
me venha aquela angústia que me dope  
nas horas de saudade, meu recreio!

Ao sonho roubo o encanto de rever-te.  
Me encanto, na vigília, com sonhar-te,  
temendo, no meu íntimo, perder-te.

Teu rosto penso achar em toda parte.  
Amor, meu bem, é isso: ausência e flerte,  
que mata e ressuscita. É sorte, ou arte.

[X]

Pienso, mi amor, en ti todas las horas  
del insomnio tenaz en que me abraso;  
quiero tus ojos, busco tu regazo  
y escucho tus palabras seductoras.

Digo tu nombre en sílabas sonoras,  
oigo el marcial acento de tu paso,  
te abro mi pecho — y el falaz abrazo  
humedece en mis ojos las auroras.

Está mi lecho lánguido y sombrío  
porque me faltas tu, sol de mi antojo,  
ángel por cuyo beso desvarío.

Miro la vida con mortal enojo;  
y todo esto me pasa, dueño mío,  
porque hace una semana que no cojo.

[X]

De noite, só em ti penso, meu amor,  
na insônia persistente em que me abraço;  
teus olhos quero, busco teu regaço  
e escuto teu sussurro sedutor.

Teu nome tento em música compor,  
ouvindo, marcial, teu firme passo;  
as horas a esperar-te conto e passo,  
e a cada aurora o sol tem menos cor.

Está meu leito lânguido e sombrio  
porque me faltas tu, luz do que vejo,  
meu anjo, cujo beijo almejo em cio!

A vida perde a graça, se o desejo  
de ter-te, dono meu, jamais sacio:  
faz dias que um orgasmo não festejo!

[XI]

¿Qué hago en tu ausencia? Tu retrato miro;  
él me consuela lo mejor que puedo;  
si me caliento, me introduzco el dedo  
en efigie del plátano a que aspiro.

Ya sé bien que divago y que deliro,  
y sé que recordándote me enredo  
al grado de tomar un simple pedo  
por un hondo y nostálgico suspiro.

Pero en esta distancia que te aleja,  
dueño de mi pasión, paso mi rato,  
o por mejor decir, me hago pendeja,

ora con suspirar, ora con pedo,  
premiando la ilusión de tu retrato  
y los nuevos oficios de mi dedo.

[XI]

Na ausência tua, olhando teu retrato,  
consolo que me resta, aqui recluso,  
o dedo, se excitado, me introduzo  
pensando na banana em senso lato.

Bem vejo quão vulgar é do que trato,  
porém te recordar me põe confuso  
a ponto de tomar (desculpa o abuso)  
por lânguido suspiro um reles flato!

Se longe estás de mim, que outro remédio  
exceto na punheta me acalmar  
rendendo-te a saudade, o tempo, o tédio?

Suspiro e peido formam belo par.  
Também combinam falo e dedo médio.  
Só tu, meu dono, cedes teu lugar.

[XII]

Leoncio ayer, Carlos hoy — ¿a quién mañana  
dedicará mi amor su pensamiento?  
¿Quién con su ausencia me dará el tormento  
de esta esperanza dulce, pero vana?

Salvaje en uno, me embriagó la sana  
y cálida caricia de su aliento.  
Amo en el otro, príncipe de cuento,  
la mirada magnífica y lejana.

Aceite de mi lámpara, que ensartas  
en rosarios de tiempo duradero  
ilusión y fragancia de sus cartas.

No te daré mi amor, casual viajero,  
pero mi lecho es amplio; y cuando partas,  
te llevarás un poco de dinero.

[XII]

Ontem Leo, hoje Carlos... E amanhã?  
A quem dedicarei meu pensamento?  
De quem terei saudade, enquanto esquento  
o leito, nesta espera eterna e vã?

Estopa neste, noutro seda e lã:  
variam as carícias e o momento.  
Um, príncipe; outro, bruto e truculento.  
Um, sátiro; outro, efebo; outro, titã.

Azeite em minha lâmpada, que ensartas  
mais contas no rosário, mais um cheiro  
de sonho a perfumar futuras cartas!

Amor não te darei, que és passageiro,  
mas cama e mesa. E mais: tão logo partas,  
terás no bolso um pouco de dinheiro.

[XIII]

¡Ay, qué castillos fabriqué en el viento  
cuando tu voz acarició mi oído  
y al cielo que me tengo prometido  
mi esperanza asomé por un momento!

¡Qué rápido viajó mi pensamiento!  
¡Cómo en tus brazos me soñé, transido  
del goce amargo de usurpar un nido,  
morder tus labios y beber tu aliento!

¡Cómo soñé fundir en las miradas  
de tus ojos de fuego, la alegría  
de este hielo que vuelves llamaradas!

(Pero al llegar el anhelado día,  
como cuadra a personas educadas,  
dormimos — tú en tu cama, y yo en la mía.)

[XIII]

Castelos fabricando venho em vento!  
Nem bem tua voz ninava meu ouvido,  
e ao céu acreditei já ter subido,  
ainda que ilusão de um só momento!

Que rápido viaja o pensamento!  
Em teus braços sonhei, embevecido!  
Não ser só meu o leito que divido!  
Não ser só tua a boca que amamento!

Como almejei fundir nossos olhares,  
teu fogo alegre e meu pesar gelado,  
o escuro em labaredas transformares!

Porém somos um par muito educado:  
na hora de dormir, nossos lugares  
são camas separadas, lado a lado.

[XIV]

Si pudieras quedarte, dueño mío;  
si yo pudiera compartir tu lecho;  
sentir tu corazón junto a mi pecho  
vibrar en jubiloso desvarío;

pasar toda una noche, dueño mío,  
entre tu abrazo fêrvido y estrecho;  
entregarte la vida, y satisfecho,  
la vida reanudar con nuevo brío.

Pero es fuerza partir. Un lecho frío  
me depara el silencio de su abrigo,  
tan correcto — tan amplio — y tan vacío.

¡Mañana nos veremos! Y me digo,  
“Que a dormir a tu lado, dueño mío,  
siempre será mejor soñar contigo.”

[XIV]

Não podes, dono meu, ficar comigo?  
Não posso dividir contigo o leito?  
Só quero ao coração sentir teu peito,  
ouvir, baixinho, os ecos do que digo!

Passar a noite inteira, meu amigo,  
colado ao teu calor, no abraço estreito,  
a vida te entregar, e, satisfeito,  
tomar por novo lar tão breve abrigo!

Partir é necessário, infelizmente,  
e o leito agora encaro com tristeza:  
tão vasto, tão vazio, e nada quente!

À noite, novamente à mesma mesa,  
jantamos, e meu medo já presente:  
dormir contigo é vão; sonhar, certeza.

[XV]

Me dije: “Ya por fin la vida mía  
el objeto encontró de su ternura;  
es él quien llenará con su dulzura  
para todos los siglos mi alegría”.

Pero un año pasó desde aquel día;  
monótona tornóse mi ventura,  
y vi junto a su carne prematura  
huerto en sazón que mieles ofrecía.

Déjame en mi camino. Por fortuna  
ni el Código Civil ha de obligarte  
ni tuvimos familia inoportuna.

El tiempo ha de ayudarme a subsanarte.  
Nada en mí te recuerda — salvo una  
leve amplitud mayor — en cierta parte.

[XV]

Pensava eu ter achado, enfim, na vida,  
o príncipe encantado que sonhara,  
aquele para quem sou a mais cara  
e eterna criatura possuída.

Nem bem, porém, levamos de vencida  
um ano, e já monótona ficara  
qualquer felicidade, e minha cara  
no espelho era a saudade refletida.

Deixar-me é o que te peço! Por fortuna  
o código civil te desobriga  
e não temos família inoportuna!

O tempo nos refaz, sem dor nem briga.  
Em mim, nada te lembra, que nos una,  
exceto na largura... Mas quem liga?

[XVI]

Ya se acerca el invierno, dueño mío;  
estas noches solemnes y felices,  
se ponen coloradas las narices  
y se parten las manos con el frío.

Ven a llenar mi corazón vacío  
harto de sinsabores y deslices  
en tanto que preparo las perdices,  
que pongo la sartén — y que las frío.

Deja tu mano encima de la mía;  
dígame tu mirada milagrosa  
si es verdad que te gusto — todavía.

Y hazme después la consabida cosa  
mientras un Santa Claus de utilería  
cava un invierno más en nuestra fosa.

[XVI]

O inverno se aproxima, dono meu!  
As noites são solenes e felizes;  
vermelhos vão ficar nossos narizes,  
e a pele de rachar sinal já deu.

Meu coração, escuro como breu,  
precisa de consolo (Tu mo dizes!),  
enquanto assando vamos as perdizes,  
dever que são na mesa até do ateu.

A mão por sobre a minha põe agora!  
Responde, em teu olhar (e eu que decida),  
se teu amor cansado inda me adora!

Me faz aquela coisa conhecida!  
Papai Noel existe, está lá fora!  
Mais um Natal nos damos nesta vida!

[XVII]

Tus manos fuertes, grandes, que me daban  
la vida en sus caricias, y la muerte;  
mis manos, que quisieron retenerte;  
tus manos, que mi pecho desgarraban.

Tus manos, que en la sangre se pintaban  
del corazón que palpité por verte;  
mis manos, sacudidas de su inerte  
vacío si a las tuyas se enlazaban.

El milagro ocurrió. No fueron vanos  
a los ojos de Dios mis hondos ruegos  
ni mis suspiros sordos y lejanos.

Y volvieron a ver mis ojos ciegos  
tintas en sangre tus soñadas manos  
(pero sangre de reses — y borregos).

[XVII]

Mãos grandes, fortes, tuas mãos me davam  
castigos e carícias, vida e morte!  
Mãos fracas, minhas mãos, em cujo porte  
não cabes, e teu peito em vão escavam!

Mãos tuas, que de sangue se pintavam  
rasgando um coração, de cujo corte  
respinga em minhas mãos vermelho forte!  
Mãos nossas, que se sujam e se lavam!

Milagres acontecem! Ao bom Deus  
inúteis meus pedidos não chegaram,  
nem surdos ficarão os gritos meus!

Meus olhos, que eram cegos, hoje encaram  
aquelas mãos, clamadas tanto aos céus,  
sangrentas dos miúdos que prepararam!

[XVIII]

Nos volvemos a ver. Año tras año  
soñé con encontrarte en mi camino.  
¡Sol de mis ojos, luz de mi destino!  
¿No quisieras, ni bien, tomar un baño?

Nos encontramos uno al otro extraño:  
Gordo tú, flaco yo — ¡mundo mezquino!  
Y me complace ver — ¡oh, desatino! —  
que hay cosas que no cambian de tamaño.

Te quiero como antaño te quería:  
con pasión, con dolor, con amargura,  
cual si este siglo hubiese sido un día.

Quiero corresponder a tu ternura:  
Levanta tu barriga, vida mía,  
que me voy a quitar — la dentadura.

[XVIII]

Voltamos a nos ver. Tenso, me assanho.  
sonhei tanto encontrar-te em meu caminho,  
de novo entre teus braços ter carinho!  
“Não queres, dono meu, tomar um banho?”

Achamos, um ao outro, um tanto estranho:  
tu gordo, eu magro. Mundo mais mesquinho!  
Ao menos me consola um bocadinho  
que há coisas que não mudam de tamanho!

Te quero como outrora te queria:  
com dor, com avidez, com amargura,  
tal como fosse o século um só dia.

Tentei retribuir tua ternura:  
“Levanta a barriguinha, que eu queria  
tomar água e tirar a dentadura!”

[XIX]

Dura visión aflige a los longevos  
— cáscara inútil en desierto nido —:  
ver que se apaga en ellos la libido  
— urgencia y potestad de los mancebos.

Ambos endocrinaran como nuevos  
— fabricantes del jugo apetecido —  
si el derecho no hubiera desistido  
(hablo — ¡triste experiencia! — de mis huevos).

Dura ley: pero ley que nos caduca,  
todo — decreta — por servir se extingue:  
ayer si penetró, sólo hoy machuca.

Puesto que ya no hay potro que respingue,  
al consuelo falaz de una peluca  
mi juventud se atenga — y yo me chingue.

[XIX]

Visão tristonha aflige a quem mais vive  
(a exata circunstância com que lido):  
a perda gradativa da libido,  
urgência e potestade que já tive.

Não sei de outra atrofia que mais prive  
um homem de seu mais apetecido  
prazer! Tendo meus bagos desistido,  
a vida, em seu vigor, entra em declive.

É dura a lei maior, que nos caduca:  
Um dia, quem foi galo baixa a crista  
e o que se penetrou já nem machuca...

E já que não há Cristo que resista  
ao cênico disfarce da peruca,  
simulo a juventude... sendo artista!

[XX] [1959]

Juguemos al pendejo, vida mía;  
verás qué divertido, cuando a huevo  
tienes que celebrar el año nuevo  
con sonetos y muecas de alegría.

Verás qué lindo, cuando cada día  
(al surgir en oriente el rubio Febo)  
sientes que el mundo ya te importa sebo  
y un ardite nomás la poesía.

Acaso te amanezca alborotada  
-otrora erecta, dura y agresiva-  
la dulce prenda, por mí mal hallada.

No te hagas ilusiones. Pensativa,  
en cuanto expulses la primera miada,  
se volverá a arrugar, triste y pasiva.

[XX] [1959]

Brinquemos, dono meu, de bolinar!  
Verás que divertido, neste dia,  
rompermos o ano novo na folia,  
gozando e sonetando, a combinar!

Verás, pela manhã, preliminar,  
nascendo com o sol, feito utopia,  
a efêmera impressão que a poesia  
tem mágico poder: desatinar!

Se acaso amanhecer insatisfeito  
aquele que era duro, firme e forte  
e agora não infunde mais respeito,

Não tenhas ilusões, caro consorte:  
um sonetinho mais, e dá-se um jeito,  
depois do qual, mais mole, só na morte!

[XXI] [1960]

Doce veces menstruó 1959.  
¡Y en tanto tú, vencido y cabizbajo,  
discurrías meciendo ese badajo  
que ningún repicar yergue o conmueve!

¡Ah, cuánto fuera nuestra vida breve  
para cortarle a la epopeya un gajo!  
¡Cuán presto desistió de su trabajo  
este huevón que no hace lo que debe!

En vano es que le invoquen o lo llamen,  
amenacen, exhorten o supliquen,  
estrujen, froten, rueguen o reclamen.

Perezoso y undívago cual liquen,  
no pretendemos ya que nos lo mamen,  
sino -¡siquiera!- que nos lo mastiquen.

[XXI] [1960]

Já doze vezes deu cinqüenta e nove,  
e tu, badalo fraco e sonolento,  
ainda repicavas teu lamento,  
que aos homens não consola nem comove!

Deus quer que a natureza se renove  
e os frutos nos garantam o sustento;  
mas nestes ovos já não alimento  
nenhuma fé, deserto onde não chove!

Inútil convocá-lo ou requerê-lo,  
chamá-lo, conclamá-lo, convidá-lo,  
impor, propor, supor que atenda o apelo!

Ficou tão fútil, flácido, este falo  
que é desperdício o tempo e excesso o zelo  
de ali mamar: bastante é mastigá-lo!

[XXII] [1961]

Desde que el huevo se me hinchó derecho  
(trasposición se llama esta figura)  
tanto disminuyó mi donosura,  
que paso rara vez del dicho al lecho.

No vale darme ya golpes de pecho;  
pues esta menopáusica criatura,  
privada de rigor, sólo procura  
rendir al mingitorio su provecho.

Resignación. Consistan mis jolgorios  
en disfrutar, porque los haya bien gua-  
recido, mis recursos supletorios.

Ejerceré, mientras su fuerza mengua,  
la función que por méritos notorios  
me adscribe a la Academia de la Lengua.

(\*) Francisco Indalecio Madero (1873-1913), presidente do México. Apoiado pelo guerrilheiro Pancho Villa, foi eleito para suceder o ditador Porfirio Díaz.

[XXII] [1961]

Desde que o bago se me inchou direito  
(transposição se chama esta figura)  
tanto diminuiu-me a parte dura  
que passo rara vez do dito ao leito.

Não há nada que possa dar-lhe um jeito,  
pois esta menopáusica criatura  
privada de seu ímpeto, procura  
provar só no mictório seu proveito.

Consolo-me brincando de improviso,  
sublime alternativa, nesta idade,  
pois onde falha o gozo, resta o riso.

Me falta mais leitor do que confrade  
no ofício em que, por prêmio, me eternizo:  
de língua e letras tenho a faculdade!

## O tradutor

**Glauco Mattoso** (paulistano de 1951) destacou-se entre os poetas "marginais" da década de 70 com seu *Jornal Dobrabil*, que parodiava periódicos e perfódos literários através da datilografia artesanal. A matriz de sua poética está no modernismo e no concretismo, filtrados pelo crivo antiestético e escatológico de Sade e Bocage. Coligido em almanaque em 1981, o *Dobrabil* é reeditado comemorativamente em 2001. Atualmente cego, Glauco mantém a verve fescenina. Vem-se dedicando ao soneto e tem traduzido poetas da envergadura de Borges e do mexicano Salvador Novo, inaugurador, como Mário de Andrade, da moderna poesia em seu país. Neste volume Mattoso (sub)verte os sonetos homoeróticos que apimentaram a reputação privada de Novo.

### DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Editora Executiva  
*Leonor Amarante*

Coordenação Editorial  
*Reynaldo Damazio*

Projeto Gráfico e Diagramação  
*Sergio Kodama*

Arte da capa  
*Raquel Nishijima*

Revisão  
*Glauco Mattoso*

Impressão e Acabamento  
*Art & Lasergraff - Cópias e Fotolitos Ltda.*

Poemas originais reproduzidos sob permissão de Legítimos Sucesores de Salvador Novo, S.C. e de seu representante legal Hinojosa Alvarez & Asociados, S.C. a partir de edição do Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, México, D.F.

O

Gla  
poc  
que  
log  
mo  
esc  
198  
Atu  
dec  
de  
Mê  
vol  
api

Este livro foi composto nas fonte Times e impresso  
em papel alta alvura e cartão supremo em maio de 2002.



SECRETARIA  
DA CULTURA



